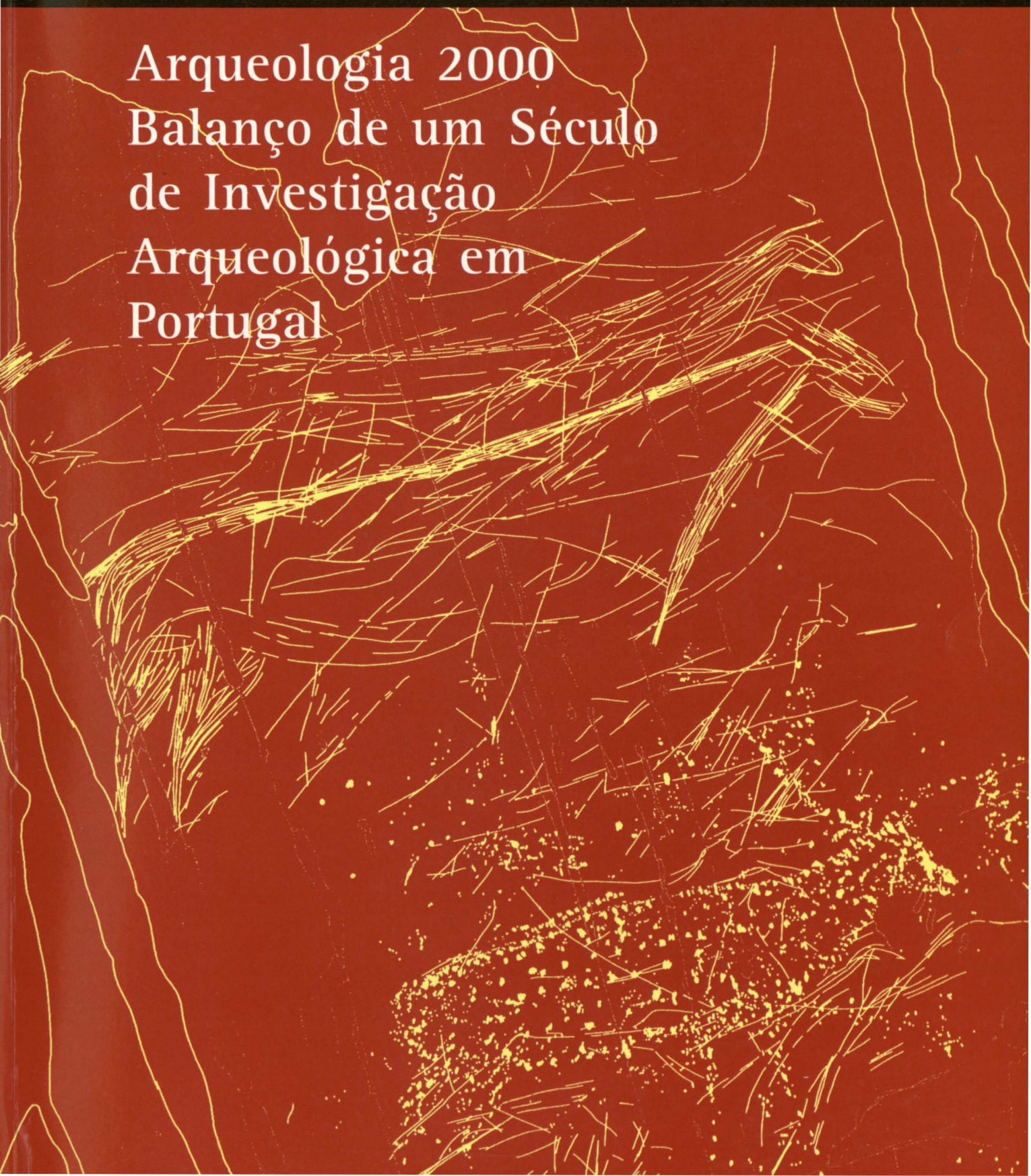


ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

Arqueologia e História

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



Arqueofaunas – balanço da sua investigação em Portugal¹

João Luís Cardoso

Professor Agregado em Pré-História da Universidade Aberta,
Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras),
Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses

À memória de meu trisavô,
o Conselheiro Augusto José da Cunha,
que, em 1898, como Ministro, promoveu ade-
quada instalação do Museu da nossa Associação,
de que viria a ser Presidente.
Aos 13 anos, li os livros que foram seus,
em tardes de um Verão interminável,
com fascínio, que permanece,
pela Arqueologia: isso lhe devo.

1. Introdução

Em 1996, sobre este mesmo tema, apresentou o Autor artigo desenvolvido, que fazia, à época, o balanço das investigações realizadas em Portugal. De então para cá, novos contributos se publicaram, que importa deixar registados neste trabalho, que ultrapassa o balanço do século XX sobre esta matéria, visto referir-se, como não podia deixar de ser, alguns estudos produzidos no século XIX. O concurso harmónico e integrado das diversas áreas científicas que, potencialmente, podem interessar ao estudo dos materiais recuperados numa qualquer escavação arqueológica é preocupação relativamente recente em Portugal, depois da por outrem chamada "Época de Ouro", correspondendo ao período da formação da Arqueologia pré-histórica e sua plena afirmação no quadro da actividade da 2ª. Comissão Geológica de Portugal e organismos que se lhe sucederam, de 1857 a 1880, data da realização em Lisboa da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, que marca o momento de apogeu, e deste modo o declínio daquela fase brilhante dos estudos pré-históricos, objecto de diversos estudos de conjunto (Santos, 1980; Fabião, 1999) ou temáticos (Zilhão, 1993; Cardoso, 1999). Com efeito, o conhecimento da nossa realidade pré-histórica, com apelo a conhecimentos do foro da Paleontologia, da Antropologia Física, e mesmo das tradições populares e do estudo comparado dos povos primitivos (então) actuais – consubstanciando uma nova área científica, então designada por "Paletnologia" – conduziu a abordagens da realidade arqueológica de uma forma que se diria "moderna". Esta metodologia, entretanto, perdeu-se, não apenas em Portugal, para só recentemente vir a ser progressivamente retomada. Pode, pois, concluir-se que, qualitativamente, a prática arqueológica desenvolvida por Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e Nery Delgado foi, inquestionavelmente, mais rica e criativa daquela que, posteriormente, se instalou na "praxis" arqueológica. Esta realidade não pôde, naturalmente, deixar de influenciar a produção de estudos arqueozoológicos, tanto independentes, constituindo pequenas monografias ou capítulos temáticos de tra-

balhos de maior fôlego, como informações entrosadas e trabalhos arqueológicos e deles não dissociadas. Por Arqueozologia, entendida como a disciplina que se debruça sobre "arqueofaunas", entende-se o conjunto de estudos relativos aos restos animais recuperados em estações arqueológicas (Leroi-Gourhan, 1988). Especialmente nos países anglo-saxónicos, o termo encontra-se conotado com o conhecimento estritamente zoológico das espécies, mais do que com seu significado arqueológico, numa perspectiva económico-cultural das comunidades humanas correlativas. Assim se justificarão as diferenças de conteúdos face ao termo "Zooarqueologia", entendido como o campo de estudos que valoriza a informação económica e cultural dos restos faunísticos, no contexto em que tais restos foram consumidos, viabilizando, deste modo, "des considérations archéologiques à partir des témoins animaux en visant à retrouver à travers eux le rôle culturel de l'animal" (*op. cit.*). Assim sendo, a afirmação da Arqueozologia ou, melhor, da Zooarqueologia, e sua integração no campo dos estudos arqueológicos, passará pela plena afirmação do seu carácter eminentemente pluridisciplinar: embora recorrendo, como base metodológica de trabalho, ao método comparativo, do foro anátomo-biológico, a dimensão económica, social e até cultural dos elementos objecto de estudo – as partes duras dos animais – não deverá jamais deixar de estar presente no espírito de quem empreende tais estudos. Assim sendo, se a fase de recolha de informações – correspondente à análise estrita dos próprios restos conservados – recorre, essencialmente, às técnicas e métodos das Ciências Naturais – já a respectiva interpretação e síntese deverá fazer uso de conhecimentos do âmbito das Ciências Sociais e Humanas. Esta realidade dual foi explicitamente reconhecida pelo International Council for Archaeozoology (ICAZ), na sua 6ª. Conferência Internacional, na qual, em circular datada em Bordéus de 25/10/1983, define a disciplina como sendo "o estudo dos vestígios animais associados aos estabelecimentos de antigos grupos humanos, contribuindo assim para o conhecimento desses mesmos grupos". Para que este objectivo possa ser cabalmente atingido, é indispensável que se estabeleça

uma colaboração efectiva e mutuamente enriquecedora entre os diversos intervenientes em tais estudos, a menos que estes possam ser assegurados pelo próprio arqueólogo, devendo para tal efeito, possuir formação nesta área específica. Só assim será possível recuperar a complexa quanto rica informação contida em testemunhos materiais nos quais, por ironia, o Homem pouco ou nada interveio ... inscrevendo-se, deste modo, nos chamados "ecofactos": é que, como já precocemente haviam reconhecido os arqueólogos-geólogos fundadores da 2ª. Comissão Geológica de Portugal, um conjunto de restos ósseos ou de conchas com referências estratigráficas precisas, poderia revelar-se muito mais útil à reconstituição das características económico-sociais das respectivas comunidades responsáveis pelo seu consumo e acumulação, que um punhado de belas pontas de seta, expostas artisticamente numa vitrina de qualquer Museu. Nisso se diferenciavam, também, os pioneiros dos estudos de Pré-História em Portugal dos seus contemporâneos arqueólogos-antiquários, como os que, pela mesma época, fundaram a Instituição promotora destas Jornadas. Perdida, como se disse, aquela prática, decorrente da própria formação científica dos seus autores, durante as décadas seguintes e até aos anos 80 do século XX, são excepcionais os estudos arqueológicos que fazem sequer menção às espécies zoológicas encontradas, e muito menos os que apelam para o seu significado, numa perspectiva económica ou social. A informação a tal respeito, quando ocorre, resume-se a uma simples lista faunística, não comentada nem justificada, das espécies encontradas. Tal realidade não pode ser desligada das características que presidiram à própria prática da Arqueologia. Assim, foi apenas na segunda metade da década de 1980 que se produziram os primeiros estudos arqueozoológicos em Portugal, com carácter sistemático, sendo porém de referir alguns trabalhos pioneiros, publicados nas duas décadas anteriores e relativos particularmente a malacofaunas, que prenunciavam já o caminho que viria a ser ulteriormente seguido. Sem dúvida que um dos exemplos mais expressivos, integrados já na fase de plena afirmação do estudo das faunas, pelas questões metodológicas suscitadas e pelas

conclusões do foro económico-social a que conduziu, constituindo como que o "ponto da situação" então vigente é o relativo aos restos de mamíferos do castelo muçulmano das Mesas do Castelinho, Almodôvar (Cardoso, 1994). Nele se evidencia a realidade dual que deverá estar sempre presente no espírito de quem se abalança a este tipo de estudos. As determinações anatómicas e taxonómicas deverão ser entendidas apenas como elementos de partida (embora incontornáveis), onde as conclusões de ordem geo-ambiental, e as de ordem económica, social e mesmo cultural, características das respectivas comunidades humanas que se pretendem precisamente caracterizar deverão ser consideradas como o "ponto de chegada" do trabalho realizado. Ou seja, os contornos do espectro faunístico identificado (seja ele mamalógico, malacológico ou outro) deverão fornecer pistas sobre a natureza da própria ocupação: maior ou menor sazonalidade; estatuto social dos respectivos ocupantes e seu grau de desenvolvimento; características de índole religiosa, susceptíveis, por exemplo, de explicar determinadas ausências como o porco; ou "nuances" internas do conjunto, que possam fornecer elementos sobre o estatuto social ou económico dominante dos respectivos habitantes e mesmo a funcionalidade da própria ocupação, denunciada pela idade de abate dos animais domésticos ou através da representação dominante de certas partes do esqueleto em detrimento de outras, entre numerosas questões que se podem discutir com base na análise faunística estrita. As fontes históricas concorrem, também, para o conhecimento das bases de subsistência de determinadas comunidades, na época a que respeitam, constituindo importante via de pesquisa, em boa parte ainda por explorar. Merece especial destaque, neste âmbito, a análise das chancelarias régias portuguesas e, ainda, os textos das cartas de Foral de Vilas, os quais prescrevem, frequentemente, preceitos sobre a caça de determinadas espécies, de há muito extintas nas regiões a que aqueles documentos respeitam. Desta forma, as fontes históricas, tradicionalmente representadas pelos documentos escritos, podem concorrer para melhorar e enquadrar os resultados da análise arqueozoológica, nos casos em que seja possí-

vel cruzar as duas fontes de informação. É que a realidade das bases de subsistência de determinada comunidade deve ser apreendida como um todo, para cujo conhecimento devem concorrer todas as vias que se revelarem úteis. Foi a importância das realidades que, em resumo, se indicaram, concorrentes para a caracterização das comunidades humanas pretéritas, como um todo, partindo dos documentos materiais da sua própria existência – afinal, o objecto da Arqueologia – que terão pesado na decisão de incluir, no elenco do Mestrado em Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Disciplina opcional "Macrofaunas quaternárias", leccionada em todas as edições do referido mestrado até ao presente. Assim se consolidou, de modo consequente, a própria investigação neste domínio, em Portugal, ulteriormente seguida pela tentativa de desenvolvimento deste tipo de estudos em outras instituições. Deram-se, de facto, progressos notáveis, desde os tempos quase actuais em que materiais ósseos recolhidos em uma qualquer escavação arqueológica eram deitados fora, por ocuparem muito espaço, ou, simplesmente, se considerarem inúteis... Possa este trabalho, que constitui, mais do que um simples balanço, um levantamento do que de mais importante foi até ao presente feito em Portugal no domínio da Arqueozologia, demonstrar o muito que já se fez em tal domínio, assim evidenciando melhor, o muito, cada vez mais, que falta fazer. Neste trabalho de síntese, solicitado pela Organização destas Jornadas, a que, com gosto, se respondeu, não se pretende mais do que demonstrar a relevância desta área, recorrendo aos trabalhos mais significativos versando o estudo de faunas, mesmo que não assumam contornos declaradamente arqueozoológicos.

2. Paleolítico Inferior

De Norte para Sul, registam-se as seguintes estações arqueológicas cujas faunas mereceram estudo ou simples referências à sua própria existência:

2.1 Mealhada

Depósitos flúvio-lacustres do rio Cértima, com faunas

de mamíferos, primeiramente referidas por Joaquim Fontes, em 1915/1916 nas Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal e, depois por G. Zbyszewski, em sucessivos estudos, dos quais o mais importante é o publicado em 1977 nas Memórias e Notícias do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra. Em 1988, M. T. Antunes, M. Faure e o signatário publicaram os restos de hipopótamo, nas Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, contributo com valor acrescido por então se discutirem as condições estratigráficas de tais restos, relacionáveis, ao contrário do que defendeu J. P. Ribeiro, em 1995/1997, em artigo publicado no *O Arqueólogo Português* com materiais acheulenses. Um estudo conjunto das faunas recolhidas até princípio da década de 1990 foi objecto de publicação pelo signatário, em 1993 (dissertação de doutoramento)².

2.2 Gruta da nascente do rio Almonda (Torres Novas)
A reactivação das explorações nesta cavidade cársica conduziu à recolha de vários conjuntos faunísticos paleolíticos de diversas épocas. Entre eles, avulta o conjunto acumulado em relação com chaminé comunicando com a superfície perto da povoação de Vale da Serra. Alguns dos materiais permitiram datação pelo Urânio-Tório, em torno de 160 000 anos, conforme comunicação de J. Zilhão e C. Mc Kinney publicada em 1995. Trata-se da mais antiga datação absoluta obtida até ao presente no nosso País para um depósito arqueológico, no caso contendo materiais acheulenses. Uma lamela de elefante (*Elephas antiquus*) pertencente a esse conjunto, foi ulteriormente estudada e publicada pelo signatário (1996).

3. Paleolítico médio

3.1 Gruta da Furninha (Peniche)
Situada na orla meridional da península de Peniche, actualmente aberta sobre o mar, a escavação de poço vertical existente no interior da gruta permitiu a recolha em estratigrafia de um importante conjunto faunístico, associado a indústrias líticas do Paleolítico Médio e Superior. O trabalho apresentado por Nery Del-

gado à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Lisboa em 1880 e publicado nas actas respectivas em 1884 é bem demonstrativo da qualidade técnica do trabalho realizado. Uma revisão da fauna de mamíferos foi ulteriormente realizada pelo signatário (1993), a qual não abarcou outros grupos, como os moluscos e as aves, estas últimas objecto de uma lista de Newton, publicada por E. Harlé, nas *Comunicações da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal*, em 1910/1911.

3.2 Foz do Enxarrique

Trata-se de uma estação de ar livre, formada em relação com um terraço do Tejo, na confluência com a ribeira de Enxarrique, junto a Vila Velha de Ródão. A fauna de grandes mamíferos encontrada nesta estação ainda não foi objecto de um estudo de conjunto; uma lamela de molar de elefante foi encontrada associada a outros dentes, e datada pelo método do Urânio-Tório em cerca de 33 000 anos, resultado publicado pelo arqueólogo responsável dos trabalhos, L. Raposo, em 1991. Este arqueólogo, com o paleontólogo francês J.-P. Brugal produziram em 1995 novo contributo para o conhecimento das arqueofaunas ali presentes.

3.3 Lapa dos Furos (Ourém)

A intervenção zoológica nesta cavidade cársica centrou-se no estudo sobre o heliceo *Cepaea nemoralis* da autoria de P. Callapez (1999), com distribuição entre 35 000 e 34 000 anos.

3.4 Gruta da nascente do rio Almonda (Torres Novas)

O cone de sedimentos acumulado no decurso do Mustierense no interior da gruta ofereceu diversos restos de mamíferos, listados por Zilhão e Mc Kinney, em 1995.

3.5 Gruta Nova da Columbeira (Bombarral)

Trata-se de uma das mais importantes estações portuguesas, com uma sequência estratigráfica integralmente mustierense. Os grandes mamíferos foram objecto de trabalhos esparsos, devidos a O. da Veiga Ferreira e a G. Zbyszewski. O conjunto foi sistematicamente revisto pelo signatário e por si publicado em 1993. Importa

destacar que os níveis onde se verifica maior incidência humana são aqueles que revelam menor presença de carnívoros, conforme conclusão apresentada anteriormente àquele estudo, conjuntamente com L. Raposo, aquando da publicação preliminar da indústria lítica, em 1998. Também neste ano se publicaram os restos de tartaruga terrestre, o conjunto mais importante do Plistocénico do ocidente peninsular, com evidentes incidências paleoecológicas que não deixaram de ser sublinhadas pelos autores (Jiménez Fuentes, E. Crespo e o signatário).

3.6 Santo Antão do Tojal (Loures)

Na sequência da aberturas de valas no baixo terraço de Santo Antão do Tojal, foram encontrados diversos restos de elefante, aparentemente associados a escassos restos de cavalo e a um coprólito talvez de hiena, peças de sílex de tipologia mustierense e carvões, conjunto interpretado por Breuil e Zbyszewski em 1943 como correspondendo a um acampamento especializado na captura de elefantes.

3.7 Pedreira das Salemas (Loures)

O enchimento de um algar seccionado verticalmente pela frente de pedreira proporcionou a recolha de abundante fauna de grandes vertebrados plistocénicos, objecto de inventários preliminares por O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski. O fundo do algar, continha além dos aludidos restos, abundantes indústrias de sílex, de tipologia integrável no Paleolítico Médio, não contrariada pela datação obtida, em torno de 29 000 anos. Um estudo de revisão do conjunto foi publicado pelo signatário, antecedido de pequena nota sobre os restos de Leão das Cavernas, em co-autoria com M. Telles Antunes, espécie representada por escassos restos, os primeiros que dela se publicaram em Portugal.

3.8 Gruta da Figueira Brava (Setúbal)

Trata-se de uma cavidade situada actualmente sobre o mar, na encosta meridional da Arrábida. A sua escavação proporcionou a recolha de abundantes restos de grandes e pequenos mamíferos, moluscos, répteis, anfíbios e aves, a que se deve associar pequeno conjunto

de restos humanos atribuíveis a neandertais, objecto de uma importante monografia, da autoria de diversos especialistas, editada pela Academia das Ciências de Lisboa em 2000, com coordenação de M. Telles Antunes. A componente arqueológica é constituída por importante conjunto lítico mustierense, objecto de publicação no mesmo volume por L. Raposo e pelo signatário com uma cronologia absoluta em torno de 31 000 anos. Sem dúvida que esta monografia evidencia a importância ímpar desta estação arqueológica, uma das escassas que, em Portugal, foi objecto de estudos sectoriais com carácter exaustivo. Antes, uma nota prévia de M. Telles Antunes (1990/1991) tinha já evidenciado a importância excepcional da estação, logo seguida do estudo sistemático dos grandes mamíferos terrestres, da autoria do signatário (1993).

4. Paleolítico Superior

4.1 Gruta do Caldeirão (Tomar)

P. Rowley-Conwy ocupou-se do estudo da fauna mamalógica paleolítica, correspondente a capítulo da monografia coordenada por J. Zilhão (1992), enquanto os pequenos mamíferos foram objecto de nota de L. Póvoas *et. al.* (1992). O signatário apresentou estudo de conjunto dos restos de grandes mamíferos que observou directamente (1993), enquanto M. Telles Antunes se ocupou particularmente dos escassos restos de castor, publicados em 1989.

4.2 Gruta da Casa da Moura (Óbidos)

Os restos plistocénicos recolhidos nas escavações dirigidas por Nery Delgado foram sumariamente estudados pelo próprio na notável monografia publicada em 1867. Os materiais da intervenção realizada na década de 1980 foram publicados por Straus e colaboradores em 1987, avultando os restos de lobo, compatíveis com covil, datados de cerca de 25 000 anos.

4.3 Gruta das Salemas (Loures)

Além das listagens faunísticas devidas a O. da Veiga Ferreira e a G. Zbyszewski, é de registar o trabalho de revisão do signatário (1993) e a recente reinterpretada-

ção do enquadramento crono-estratigráfico da estação, feita por si em colaboração com M. Telles Antunes (2000). Salienta-se a existência de camurça, uma das raras ocorrências no território português, entre 30 000 e 20 000 anos, a par dos restos recolhidos na gruta do Caldeirão e na gruta do Pego do Diabo, situada nas proximidades.

4.4 Gruta do Pego do Diabo (Loures)

Trata-se de espólio pobre, atribuível a época em torno de 27 000 anos, segundo J. Zilhão (1997), primeiramente observado e publicado pelo signatário, depois objecto de estudo mais aprofundado, por M. J. Valente (1999).

5. Epipaleolítico/Mesolítico

5.1 Concheiros de Muge (Salvaterra de Magos)

Tal como a gruta da Casa da Moura, contam-se entre as primeiras estações portuguesas a cujas faunas foi dada a devida importância. Já na primeira monografia dedicada ao concheiro do Cabeço da Arruda se desenvolvem considerando acerca da presença de diversas espécies, por Pereira da Costa (1865) e o mesmo se verificou nos trabalhos subsequentes. Assinale-se a presença de cão num contexto estritamente dominado pelas espécies selvagens, confirmado por Carlos Ribeiro em 1884, o descobridor e primeiro escavador dos concheiros e mais tarde por Paula e Oliveira (1888/1892). As explorações conduzidas no século XX jamais deixaram de valorizar a componente arqueozoológica. É o caso da nota de Rui de Sampaio Pinto, de 1932, que menciona lista de fauna aquática elaborada por Augusto Nobre, relativa ao concheiro do Cabeço da Amoreira no qual assinalou *Natica hebraea* considerado de águas mais quentes que as actuais, tal como o caranguejo *Gelasimus tangeri*. A abundância deste (também presente noutros concheiros da região) e, sobretudo, a do referido molusco, levou o autor e, logo depois, Mendes Corrêa, em 1933, a considerarem este concheiro anterior ao Cabeço da Arruda, cuja fauna marinha foi listada por Berkeley Cotter. Mais tarde, o recomeço das escavações na região, conduziram à intervenção no

concheiro da Moita do Sebastião, cuja fauna mamalógica foi estudada por G. Zbyszewski e a fauna aquática por O. da Veiga Ferreira, em dois contributos apresentados em 1954 ao IV Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Madrid, cujas actas se publicaram dois anos depois. A. Lentacker (1986) publicou listas faunísticas correspondentes a observações não exaustivas de materiais de diversas colecções dos concheiros do Cabeço da Arruda e do Cabeço da Amoreira, interessando mamíferos, moluscos, peixes, répteis e aves, antecedido de pequena nota de M. Telles Antunes, publicada no ano anterior sobre a presença de esquilo no Cabeço da Arruda, entretanto também confirmada no Cabeço da Amoreira. Na década de 1990, com o renascimento dos estudos arqueozoológicos, encetou-se estudo sistemático dos materiais até ao presente exumados.

5.2 Estações do litoral estremenho e do Maciço Calcário

Trata-se de estudos que incorporam referências à fauna malacológica, recolhida em diversas estações do tipo "concheiro" distribuídas ao longo do litoral a norte de Sintra, com destaque para os de A.C. Araújo (ex: o concheiro epipaleolítico do Cabeço do Curral Velho, publicado em 1994). Tal tipo de estações observam-se, ainda que esporadicamente, no interior do Maciço Calcário estremenho, apesar das consideráveis distâncias que as separam do mar, ainda maiores na época, se se atender à regressão marinha então vigente. O exemplo mais frisante é o do "concheiro" acumulado no interior de gruta perto de Aljustrel, Fátima (ou Casal do Papagaio), referida por O. da Veiga Ferreira e, posteriormente, escavada por J.M. Arnaud e por si publicado em 1988, em co-autoria.

5.3 Vale do Sado

Dos diversos concheiros situados no vale do baixo Sado, pouco ainda se sabe sobre a distribuição em pormenor das diversas espécies animais presentes; as variações detectadas reflectirão, naturalmente, o próprio modelo de povoamento então adoptado e a relação funcional estabelecida entre as diversas estações. Os estudos faunísticos foram realizados por P. Rowley-Conwy, sendo

integrados em diversos trabalhos de J.M.Arnaud (1987, 1989, 1993, 2000). Para além das comparações que foi possível estabelecer com as bases de subsistência dos concheiros que, também no decurso do Mesolítico, se estabeleceram no vale do baixo Tejo, as quantidades e importância relativa de cada uma das espécies, tanto malacológicas, ictiológicas ou mamalógicas, presentes em cada um dos locais, permitiu a J. M. Arnaud esboçar, em 1989, um modelo demográfico-económico para as comunidades que ocupavam o vale do Sado no decurso do Mesolítico tardio.

5.4 Vale do Guadiana

Até época recente, este importante sector do nosso território permanecia desconhecido no tocante a ocupações epipaleolíticas com interesse estratigráfico. Esta situação alterou-se, com a escavação limitada do sítio da Barca do Xerez de Baixo, a qual proporcionou a recolha de escassos restos de mamíferos estudados por M. J. Valente, cujo contributo vale, sobretudo, por colmatar um vazio geográfico-cronológico do nosso território.

5.5 Costa sudoeste e litoral vicentino

Nesta extensa região, destaca-se o trabalho continuado, de quase três décadas, de C. Tavares da Silva e de J. Soares, de que resultou a identificação, no que concerne a este capítulo, de diversos concheiros, de variadas épocas da Pré-História (Epipaleolítico à Idade do Bronze), relativos, pois, a sistemas de económico-sociais também distintos. A informação sobre tais estações, encontra-se dispersa em numerosos trabalhos, tendo porém, sido objecto de diversas tentativas de sistematização e de síntese, interessando também o processo de neolitização, para o qual os autores têm ideias próprias. De entre todas, avulta a publicada em 1997, a propósito do concheiro de Montes de Baixo, em Odeixe. É óbvia a valorização da componente aquática da fauna, largamente maioritária, senão exclusiva; A fauna do concheiro de Vidigal, do Mesolítico tardio, estudada por Straus, Altuna e Vierra em 1990 é uma das raras excepções à regra, incluindo restos de grandes mamíferos, também presentes, entre outros, no

concheiro de Fiães, perto do rio Mira e no de Samouqueira, sobre a costa, ambas referidas por J. M. Arnaud em 1993.

6. Neolítico e Calcolítico

A informação arqueozoológica alarga-se significativamente quando se entra declaradamente em épocas onde a domesticação animal se generalizou. Para além de algumas estações já referidas – com destaque para os concheiros da costa sudoeste e do litoral vicentino – cujas ocupações mais tardias atingem o Neolítico Antigo, ou mesmo épocas ulteriores, identificaram-se as seguintes estações neolíticas e/ou calcolíticas para as quais existe informação faunística de algum relevo:

6.1 Vinha da Soutilha (Mairos) e Pastoria (Chaves)

Nestes dois povoados, os restos faunísticos de mamíferos foram estudados por T. Cunha-Lopes, e incorporados como anexo à dissertação de doutoramento de S. O. Jorge (1986).

6.2 Prazo (Freixo de Numão)

Deste povoado neolítico, S. Monteiro-Rodrigues, publicou recentemente (2000) algumas determinações do signatário de grandes mamíferos, de evidente interesse, dada a escassez de informação para estações do Neolítico Antigo da região. Como é norma para o Norte de Portugal, quase todo ocupado por rochas e solos ácidos, desfavoráveis à conservação de restos ósseos, os materiais exumados resumem-se a escassos e minúsculos fragmentos, de determinação específica problemática.

6.3 Gruta do Caldeirão (Tomar)

Os restos pós-paleolíticos foram também objecto de estudo de P. Rowley-Conwy (1992). Destaca-se a referência, pela primeira vez em Portugal, da presença de ovino-caprinos domésticos, logo desde os primórdios do Neolítico Antigo, situação que detém evidentes implicações culturais, acerca do processo de neolitização verificado no actual território português.

6.4 Abrigo da Pena d'Aguia (Torres Novas)

Os restos de grandes mamíferos, recolhidos nesta estação de carácter doméstico, cujo estudo foi feito por M. J. Valente e publicado em 1998, documentam ovino-caprinos desde o Neolítico Antigo, à semelhança do verificado outras estações da Estremadura, também referidas no presente estudo, para além de grandes bovinos. Dos pequenos mamíferos se ocupou L. Póvoas, em pequeno estudo publicado no mesmo ano.

6.5 Gruta da Casa da Moura (Óbidos)

Os materiais ósseos do "entulho superior" foram também atribuídos a diversas espécies por J. F. Nery Delgado, em 1867, tal como os existentes no depósito basal, de idade paleolítica, já atrás referidos.

6.6 Furninha (Peniche)

Nesta estação, já atrás referida, explorada por J. F. Nery Delgado, para além dos restos paleolíticos, conhecem-se materiais ósseos de mamíferos recolhidos nos depósitos neolíticos, correspondentes à formação de uma importante necrópole, entre os quais avultam restos de foca, estudados e figurados por Nery Delgado em 1884.

6.7 Vila Nova de São Pedro (Azambuja)

Neste importante povoado fortificado calcolítico ribatejano, as faunas recolhidas, seguramente em grande número, infelizmente jamais foram objecto de estudo detalhado. Com efeito, apenas se conhecem listas faunísticas, sucessivamente apresentadas por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, ou apenas pelo primeiro, após ter assumido sózinho a direcção dos trabalhos. De entre as espécies de mamíferos encontradas, uma merece destaque: trata-se do castor (*Castor fiber* L.), objecto de pequeno estudo específico de A. Xavier da Cunha, em 1961. Trata-se, com efeito, de espécie cujos dentes são facilmente reconhecíveis, então pela primeira vez identificada em Portugal.

6.8 Zambujal (Torres Vedras)

Povoado calcolítico fortificado, objecto de extensas escavações arqueológicas de 1964 a 1973, por parte de equipa dirigida por E. Sangmeister e H. Schubart. A

componente faunística do espólio foi objecto de estudo completo, abarcando senão todos pelo menos os principais grupos presentes (mamíferos, peixes, aves, répteis, anfíbios e moluscos), publicado por A. v. d. Driesch e J. Boessneck em 1976.

6.9 Fórnea (Torres Vedras)

Deste pequeno povoado calcolítico de altura se publicou também estudo arqueozoológico dedicado aos restos de grandes mamíferos encontrados, da autoria de A. v. d. Driesch.

6.10 Penedo de Lexim (Mafra)

Trata-se de outro pequeno povoado de altura, cuja ocupação calcolítica continha numerosos restos faunísticos, especialmente de grandes mamíferos, de cujo estudo se ocuparam A. v. d. Driesch e B. Richter (1976).

6.11 Penha Verde (Sintra)

Deste povoado calcolítico, implantado na encosta setentrional da serra de Sintra, escavou-se uma pequena parte, incluindo duas cabanas, um silo e um troço de muralha. A fauna mamalógica recolhida, muito abundante apesar da natureza ácida dos terrenos graníticos (conservou-se graças ao excesso de matéria orgânica existente no solo), foi objecto de listagem sumária pelos exploradores da estação, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, em 1958 e 1959.

6.12 São Pedro de Canaferrim (Sintra)

Trata-se de povoado do Neolítico Antigo alcandorado na encosta da serra, no interior do recinto do Castelo dos Mouros, junto à capela de São Pedro. A natureza ácida de rochas e solos ali aflorantes (granitóides), impediu a conservação dos restos faunísticos em boas condições. Foram, no entanto identificados escassos materiais pelo signatário, publicados por T. Simões, em 1999, que documentam o pastoreio de ovino-caprinos na serra desde o Neolítico Antigo.

6.13 Leceia (Oeiras)

Deste extenso povoado calcolítico fortificado, sobreposto a outro, do Neolítico Final, ainda não se dispõe

de um estudo faunístico completo. Contudo, existem estudos sectoriais, dedicados aos restos ictiológicos, por M. Telles Antunes e pelo signatário, de 1995; à avifauna, da autoria de L. Gourichon e do signatário, também de 1995; aos pequenos mamíferos, por P. Mein, M. Telles Antunes e pelo signatário; e aos grandes mamíferos e invertebrados recolhidos na camada correspondente à ocupação do Neolítico Final, do signatário, C. Tavares da Silva e J. Soares, publicado em 1996. Acresce que, já na primeira monografia dedicada à estação, em 1878, de Carlos Ribeiro, se mencionavam as espécies de grandes mamíferos então recolhidas e por este classificadas. Caso particular é o de osso de cetáceo, publicado pelo signatário em 1995, utilizado como "bigorna": embora não seja relacionável com animal consumido no povoado, a sua ocorrência reporta-se, certamente, a animal arrojado para uma das praias do estuário adjacente.

6.14 Rotura (Setúbal)

Trata-se de um dos primeiros povoados pré-históricos a ser identificado em Portugal, por Carlos Ribeiro, na década de 1860. Foi também o primeiro povoado pré-histórico a ser objecto de um estudo monográfico de índole arqueozoológica: trata-se do contributo devido a C. Tavares da Silva, de 1963, dedicado à respectiva malacofauna. V. S. Gonçalves completou ulteriormente a lista referida, acrescentando-lhe as espécies de peixes, cetáceos e grandes mamíferos identificadas.

6.15 Concheiros da região de Comporta (Grândola)

Os quatro concheiros actualmente situados na base da península de Tróia, do lado do estuário, distribuem-se, culturalmente, entre o Neolítico Médio e o Neolítico Final. A fauna malacológica recolhida indica que, na época da sua ocupação, a base de subsistência consistia em moluscos marinhos, o que pressupõe uma exposição francamente oceânica dos sítios, ao contrário do que acontece actualmente: tal significa que a península de Tróia ainda se não encontraria formada, o que é confirmado por outros elementos, como a granulometria e a morfoscopia dos grãos de areia. Outra conclusão do estudo publicado em 1986 por equipa que

integrava, para além do signatário, C. Tavares da Silva, J. Soares, C. Souto Cruz e C. Reis, é a da crescente diminuição do tamanho das amêijoas recolhidas, o que poderá ter várias causas, entre elas a exaustão dos recursos em consequência da crescente pressão humana ou a alteração das características do próprio meio aquático.

6.16 Monte da Tumba (Alcácer do Sal)

A fauna mamalógica e outra, recolhida num dos cortes estratigráficos executados por C. Tavares da Silva e J. Soares neste importante povoado calcolítico fortificado do Baixo Alentejo foi estudada por M. Telles Antunes, em 1987. Este trabalho constitui um marco no estudo da Arqueozologia em Portugal, visto poder considerar-se o primeiro contributo, feito especificamente nesta área, depois dos trabalhos pioneiros sobre malacofaunas de C. Tavares da Silva (1963) e de J. P. da Costa (1971). Foi reconhecido um aumento das espécies caçadas dos níveis de plena ocupação do povoado, para os níveis superiores, correspondentes a declínio na vida do povoado; este facto tem uma provável leitura de carácter económico-social: a menor ligação às actividades produtivas, sendo deste modo os derradeiros ocupantes do sítio obrigados a um acréscimo da actividade cinegética para suprirem as suas próprias necessidades alimentares.

6.17 Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)

Do vasto povoado de Porto Torrão, apenas uma pequena área foi escavada, por J. M. Arnaud e por este publicada em 1993. Na estratigrafia então definida, observou-se, tal como no Monte da Tumba um acréscimo da fauna selvagem nos níveis mais recentes do povoado, caracterizados pela ocorrência de cerâmicas campaniformes. Tal como no povoado do Monte da Tumba, este aumento pode possuir leitura idêntica ao apresentado para aquele, a menos que se relacione com a emergência de segmento guerreiro, no seio daquela comunidade, o qual encontraria na prática da caça um adequado exercício para a guerra. Estamos, por certo, no campo das hipóteses, quase sempre plausíveis, mas dificilmente comprováveis como bem sublinhou aquele arqueólogo.

6.18 Igreja de São Jorge (Vila Verde de Ficalho)

Trata-se de sítio doméstico escavado por A. M. Monge Soares, cuja fauna mamalógica, pouco numerosa, foi estudada pelo signatário em 1994. As insistentes marcas de fogo que exibem algumas peças sugerem que, mais do que testemunhos culinários, sejam a consequência de incêndio que atingiu o povoado.

6.19 Cabranosa (Vila do Bispo)

Nesta importante estação do Neolítico Antigo do litoral algarvio, recolheu-se, num contexto doméstico, diversa fauna malacológica, de proveniência local (o mar encontra-se a cerca de 2 km) que constituía, conjuntamente com alguns mamíferos domésticos, a base proteica alimentar. Esta situação mista indica que se tratava de um povoado de ocupação permanente ou quase (cf. J. L. Cardoso, A. Faustino de Carvalho e J. Norton (1998), ao contrário dos concheiros contemporâneos situados mais perto do litoral, hipótese sublinhada pela presença de pequenos sachos de pedra polida utilizados em práticas agrícolas incipientes, aproveitando os solos arenosos existentes no local.

6.20 Ibne-Amar (Lagoa)

Trata-se de gruta natural existente em calcários, cujas sucessivas ocupações arqueológicas pré-históricas (com origem pelo menos no Neolítico Antigo) se encontram ainda por estudar. Em 1971, J. P. da Costa publicou a fauna malacológica de época pré-histórica ali recolhida.

6.20 Outros sítios

Para além dos referidos, outros estudos se poderiam citar dos quais apenas se conhecem listas faunísticas das espécies recolhidas, sem apresentação da distribuição anatómica dos restos, justificações para as determinações apresentadas, e, muito menos, indicação de variação dos respectivos quantitativos pelas eventuais unidades estratigráficas reconhecidas. Não são, pois, susceptíveis de sequer ser mencionados em trabalho desta índole.

7. Idade do Bronze

As informações disponíveis sobre arqueofaunas da Idade do Bronze são ainda mais escassas e heterogêneas do que as disponíveis para os conjuntos culturais anteriormente vistos. De Norte para Sul, identificaram-se as seguintes estações de onde se conhecem referências à componente faunística do espólio recuperado:

7.1 Castro do Côto da Pena (Caminha)

O nível do Bronze Final deste importante povoado castrejo, escavado por Armando Coelho Ferreira da Silva, forneceu diversos restos, tanto de mamíferos como de moluscos; os primeiros, muito raros, foram objecto de análise sumária, feita pelo signatário em 1996.

7.2 Castelo Velho (Freixo de Numão)

A ocupação da Idade do Bronze continha escassos restos de grandes mamíferos, além de leporídeos, que foram estudados por M. Telles Antunes e por si publicados em 1995.

7.3 Buraco da Moura de São Romão (Seia)

Trata-se de uma cavidade definida pelo amontoado caótico de enormes blocos de granito. As escavações em diversos *loci* proporcionaram dois estudos sobre as faunas, especialmente as de grandes mamíferos, publicados em 1995 e em 1998 pelo signatário, em co-autoria com os responsáveis pelas escavações, J. C. de Senna-Martinez e A. C. Valera.

7.4 Povoados de Alegrios (Idanha-a-Nova), Moreirinha (Idanha-a-Nova) e Monte do Frade (Penamacor)

Estes três sítios de altura do Bronze Final do sul da Beira Interior, foram objecto de escavações dirigidas por R. Vilaça. Do estudo das parcas faunas recolhidas, se encarregou M. Telles Antunes, que o publicou em 1992. Tal como se verificou no conjunto anterior, a presença de ovino-caprinos atesta a presença de rebanhos e, deste modo, a eventual importância da pastorícia na região envolvente do grande maciço montanhoso da Estrela, tanto do lado setentrional como meridional.

7.5 Tapada da Ajuda (Lisboa)

Tratava-se, ao contrário dos anteriores, de um povoado aberto do Bronze Final, espalhando-se por encosta suave e fértil, nas proximidades do Tejo. Não espanta, assim, que as bases de subsistência se apoiassem, por um lado, na agricultura e pastorícia e, por outro, na recolha de moluscos e na pesca. O espólio arqueozoológico foi apenas objecto de análise preliminar, publicada pelo signatário, também responsável pela intervenção arqueológica, em 1986. Como seria de esperar, encontram-se presentes todas as espécies domésticas que actualmente integram o quotidiano de uma qualquer comunidade agrícola da região (ovino-caprinos, suínos, bovinos), sendo a caça vestigial. Ao nível da fauna malacológica, é de destacar a abundância de ostras, facilmente recolhidas nos esteiros deixados a descoberto na maré baixa adjacentes, ao longo da margem norte do grande estuário.

7.6 Vinha do Casão (Loulé)

Trata-se de uma necrópole de cistas do Bronze do Sudoeste, escavada por uma equipa que integrava M. V. Gomes, R. V. Gomes, C. M. Beirão e J. L. Matos. Os restos malacológicos encontrados foi realizado por C. Tavares da Silva e por si publicados na monografia dedicada à estação, em 1986.

8. Idade do Ferro

8.1 1ª Idade do Ferro

Os espólios arqueozoológicos até ao presente objecto de caracterização e pertencentes à I Idade do ferro, integram-se culturalmente em estações cuja influência mediterrânea, veiculada pelo comércio fenício ou pela própria presença de populações semitas, é evidente; são todas do sul de Portugal, e assim distribuídas:

8.1.1 Alcáçova de Santarém (Santarém)

Uma apreciação geral do espectro faunístico dos grandes mamíferos recuperados nas escavações dirigidas nesta estação arqueológica por A. M. Arruda, dominando vastas áreas da actual lezíria e do próprio vale

do Tejo, do alto da sua encosta direita, foi apresentada pelo signatário, em 1996.

8.1.2 Sé de Lisboa (Lisboa)

As recolhas de materiais cerâmicos orientalizantes, efectuadas no princípio do século, quer por P. Belchior da Cruz como por Vergílio Correia, tanto na baixa pom-balina como no recinto do claustro da Sé (designado então por "Cresta" da Sé) passaram despercebidas até época recente: aqueles materiais só foram objecto de publicação pelo signatário em colaboração com J. R. Carreira, em 1992. Entretanto, as escavações desenvolvidas pelo IPPAR, sob orientação de C. Amaro e de J. L. da Matos, proporcionaram a recolha de um importante conjunto estratigrafado, entre o qual se contam numerosos restos arqueozoológicos. Entre estes, destacam-se os de grandes mamíferos, os quais foram estudados de forma preliminar pelo signatário, incorporando-se os principais resultados na dissertação de doutoramento de A. M. Arruda. É interessante assinalar a presença, ainda que apenas vestigial, do touro selvagem (auroque), mostrando a prática cinegética por parte de populações que seguramente, contactavam e comerciavam com a comunidade urbana ali sediada.

8.1.3 Quinta do Almaraz (Almada)

Trata-se de importante estação implantada no morro sobranceiro a Cacilhas, dominando a parte vestibular do estuário interior do Tejo, conjuntamente com a estação situada do lado oposto do estuário. As escavações efectuadas pelo Centro de Arqueologia de Almada, levaram à recolha de um copioso conjunto de cerâmicas fenícias e de influência fenícia, para além de abundantes restos faunísticos. Destes, apenas os recolhidos numa fossa de despejos foram até ao presente objecto de estudo conjunto, pelo signatário, integrado em publicação de que também foram co-autores L. de Barros e A. Sabrosa. Aguarda-se que outros materiais, oriundos de outras zonas ulteriormente escavadas, possam completar tais conclusões preliminares. Domina nitidamente a fauna doméstica, embora a componente selvagem esteja representada vestigialmente por veado e javali,

espécies que por certo abundariam nos bosques então existentes na região.

8.1.4 Abul (Alcácer do Sal)

Trata-se, até ao presente, do único estabelecimento fenício possuindo estruturas arquitectónicas com paralelos orientais. Escavado no decurso da década de 1990 pela Missão Arqueológica Luso-Francesa, sob direcção de C. Tavares da Silva e F. Mayet, o estudo da fauna mamalógica foi confiado ao signatário. De tais trabalhos, resultou uma nota preliminar publicada em 1996, sucedida por estudo mais desenvolvido em 2000, integrado na monografia geral da estação. Nos dois *loci* identificados na estação – Abul A e Abul B – foram realizados o inventário das espécies presentes, sua distribuição percentual tendo presente as unidades estratigráficas identificadas, a idade de abate dos animais (que no caso dos selvagens é susceptível de indiciar ocupação apenas sazonal do estabelecimento, as práticas culinárias, tendo presentes as marcas exibidas pelos ossos e, por fim, as indicações de carácter económico, social ou cultural susceptíveis de se deduzirem do estudo realizado. Crê-se que são estes os objectivos últimos de qualquer estudo desta índole, a que o signatário, dentro das limitações impostas pelo próprio material disponível, procurou dar resposta.

8.1.5 Rocha Branca (Silves)

O Cerro da Rocha Branca é pequeno cabeço situado junto ao Arade. Foi arrasado ulteriormente às escavações arqueológicas ali efectuadas por M. V. Gomes, R. V. Gomes e C. M. Beirão, que evidenciaram uma ocupação de cariz orientalizante, a que se reporta o estudo dos restos de grandes mamíferos efectuado pelo signatário em 1993. A presença de cão justificou a realização de estudo ulterior, publicado em 1997, pelo signatário, em colaboração com M. V. Gomes. Trata-se de trabalho que procurou articular os resultados arqueozoológicos obtidos em numerosas estações coevas, com as informações das fontes clássicas. Neste sentido, considera-se estudo pioneiro, porque pela primeira vez se tentou, na caracterização de assunto específico, de

índole arqueozoológica, a compatibilização dos testemunhos escritos com os materiais.

8.2 2ª Idade do Ferro

Os trabalhos arqueozoológicos relativos à II Idade do Ferro, são ainda mais escassos que os dedicados à I Idade do Ferro. No litoral sul do território (Alcácer do Sal) continuou a verificar-se forte influência mediterrânea, enquanto no interior (Garvão), e sobretudo na região a Norte do Tejo, se fazia sentir, até o litoral, a presença de populações célticas ou celtizadas (Terroso).

8.2.1 Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim)

Escassos restos faunísticos, de grandes mamíferos, foram preliminarmente publicados pelo signatário em 1996, recolhidos em contextos já da II Idade do Ferro, ali identificados por A. C. F. Silva.

8.2.2 Segóvia (Campo Maior)

Deste importante povoado fortificado da II Idade do Ferro, cujas escavações realizadas na década de 1970 foram objecto de publicação em 1988 por T. J. Gamito, integrando a sua dissertação de doutoramento, conhece-se estudo arqueozoológico realizado por P. Rowley-Conwy, inserido no trabalho da referida autora.

8.2.3 Castelo de Alcácer do Sal (Alcácer do Sal)

Os níveis integráveis na II Idade do Ferro, neste caso de raiz cultural mediterrânea, identificados neste importante povoado por C. Tavares da Silva, J. Soares, C. M. Beirão e colaboradores, forneceram tal como os mais antigos, diversos elementos arqueozoológicos, dos quais, no concernente aos grandes mamíferos se apresentaram já as conclusões preliminares, da responsabilidade do signatário (1996).

8.2.4 Garvão (Ourique)

Este santuário, parcialmente escavado por C. M. Beirão e colaboradores, para além de um copioso espólio arqueológico, forneceu alguma fauna, de cujo estudo se encarregou M. Telles Antunes, publicado em 1995.

9. Época Romana

Também as faunas recolhidas em estações romanas têm merecido um interesse, ainda que tímido, dos que inter-vêm em estações desta época; daí o seu número ser nitidamente inferior aos estudos arqueozoológicos relativos a estações pré ou proto-históricas. Sem dúvida que se trata de época onde as vantagens do cruzamento dos resultados decorrentes da análise arqueozoológica com as fontes clássicas são mais óbvias. Esta preocupação encontra-se evidenciada por diversos trabalhos.

9.1 Conimbriga (Condeixa-a-Nova)

Desta importante cidade da Lusitânia, estudaram-se os restos recolhidos por Vergílio Correia, nas escavações que ali realizou na primeira metade do século XX. Embora as peças não possuam indicações estratigráficas, é certo que provenham, na totalidade ou quase, dos níveis romanos. Foram estudados pelo signatário, tendo dado origem a diversos artigos. O primeiro, publicado em 1992, refere-se a osso de camelídeo, classificado como de dromedário (*Camelus dromedarius*) cuja existência se poderá explicar na cidade por diversas razões, entre elas o gosto que os romanos tinham por animais exóticos, podendo fazer deste modo parte de um circo ambulante, ou conservado como animal de estimação, talvez na casa de algum cidadão oriundo do Norte de África. A este propósito, é de referir que se conhece, numa das residências, conhecida como "casa dos repuxos", mosaico representando, no medallão central um elefante e um dromedário, o que só dá peso à referida hipótese. Os restantes materiais foram publicados em 1995, sendo, tanto quanto possível, apresentados à luz dos conhecimentos veiculados pelas fontes clássicas, critério também seguido em outro estudo, de âmbito mais geral, também publicado pelo signatário em 1997.

9.2 Ilha do Pessegueiro (Sines)

Os restos de mamíferos recuperados nas escavações deste importante estabelecimento romano da costa alentejana, cujas escavações foram dirigidas por C.

Tavares da Silva e J. Soares, foram objecto de um estudo, por parte do signatário, publicado em 1993. O espectro faunístico sugere clima menos seco que o actual. Trata-se de um dos raros sítios arqueológicos portugueses em que a fauna ictiológica foi também objecto de publicação, na correspondente monografia, por R. P. Beja.

9.3 Quinta do Marim (Olhão)

As escavações de emergência realizadas neste estabelecimento romano dedicado ao fabrico de preparados piscícolas, dirigidas por C. Tavares da Silva, J. Soares e A. Coelho-Soares proporcionaram a recolha de mamíferos e de aves, cujo estudo foi feito por M. Telles Antunes e C. Mourer-Chauviré e publicado em 1992. Tal como se concluiu a partir dos grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro, as faunas – incluindo a presença do ganso-patola – sugerem clima menos seco e quente que o da actualidade.

10. Época Islâmica

Apesar de as estações deste período serem objecto, entre nós, de escavações arqueológicas desde há pouco mais de 20 anos, estas produziram um dos mais espectaculares avanços no conhecimento da ocupação humana, em época histórica, do actual território. Com efeito, o pouco que se sabia, resultava essencialmente da informação ou interpretação de fontes escritas, cujas lacunas e imprecisões eram numerosas, sobretudo para o conhecimento das próprias populações muçulmanas. O surto de escavações foi acompanhado, tanto quanto possível, pelo estudo integrado dos materiais, onde o do espólios arqueozoológicos tiveram, desde o início, o lugar que lhes competia.

10.1 Mértola (Mértola)

Foi preocupação da equipa do Campo Arqueológico de Mértola, coordenadora das escavações realizadas, com destaque para C. Torres e S. Macias, assegurar o estudo pluridisciplinar dos espólios arqueozoológicos exumados, revelando assim, uma perspectiva moderna na análise de todos os testemunhos susceptíveis de pode-

rem contribuir para uma reconstituição o mais completa possível do passado – e sobretudo do quotidiano – das respectivas populações, responsáveis pelas acumulações de tais restos. Assim, os restos de grandes e pequenos mamíferos foram objecto de estudo e publicação, primeiro por A. Morales (1992), depois por M. Telles Antunes (1995), seguindo-se trabalho específico sobre roedores, designadamente o rato-do-campo, da autoria de Morales e Rodríguez (1997). Entretanto, as aves, os peixes e os moluscos tinham sido objecto de outros tantos contributos de investigadores do laboratório de Arqueozologia de Madrid, todos publicados em 1992, respectivamente por Hernández, Rosello e Moreno.

10.2 Alcaria Longa (Mértola)

Os mamíferos recuperados neste sítio de ocupação muçulmana, em escavações efectuadas sob a égide do Campo Arqueológico de Mértola, foram objecto de pequeno estudo de M. Telles Antunes, datado de 1992.

10.3 Mesas do Castelinho (Almodôvar)

A fauna mamalógica recolhida nos níveis muçulmanos desta estação, correlacionados com a construção e ocupação de um pequeno castelo por parte de guarnição, talvez de presença circunstancial, apenas quando a situação militar o exigia, foram estudados pelo signatário em 1993 e 1994. Este último estudo, mais completo que o anterior, permitiu evidenciar que parte significativa da fauna era constituída por veado de dimensões assinaláveis, espécie que requeria a existência de bosques de folhosas actualmente ali inexistentes. Tal realidade encontra-se, com efeito, comprovada no foral do século XIII de Almodôvar, tendo conhecido profunda modificação decorrente da crescente necessidade de madeiras, designadamente para a construção naval, do século seguinte em diante. A abundância de veado, configura ainda condições climáticas mais húmidas e menos quentes que as prevalentes actualmente na região, conclusão que as faunas romanas do sul do território português já indicavam. Por outro lado, não obstante as condições serem altamente favoráveis, a presença do javali é diminuta: não seria, natural-

mente animal de consumo frequente, em consonância com as prescrições religiosas vigentes. Enfim, a escassez de fauna doméstica encontra também explicação na natureza humana da ocupação: tratando-se de guarnição militar, por certo os seus elementos desprezariam o pastoreio ou a criação de gado, encontrando, ao contrário, na caça, fonte de alimento e, ao mesmo tempo, exercício para as suas actividades bélicas. Acresce ainda que a presença humana descontínua no sítio poderia não justificar a criação de gado, que requeria maior estabilidade de ocupação.

As conclusões decorrentes do trabalho de 1994 evidenciam o alcance ecológico, social, e até religioso que os estudos arqueozoológicos podem assumir, desde que os seus responsáveis se encontrem despertados para a realidade arqueológica (leia-se social e económica), e aptos para a valorizar e integrar nas respectivas conclusões.

10.4 Silves (Silves)

As escavações dirigidas por R. V. Gomes na alcáçova de Silves, proporcionaram a recolha de copioso conjunto arqueozoológico, que tem vindo a ser estudado por M. Telles Antunes, primeiro dedicando-se aos mamíferos (estudo de 1992), depois também às aves, répteis, peixes e moluscos (trabalho publicado em 1997). Verifica-se, tal como em Mértola, evidente predominância da fauna doméstica, como seria de esperar em população citadina. Seria interessante, mediante a publicação de outros conjuntos oriundos de zonas da antiga cidade muçulmana, evidenciar diferenças na composição e estrutura da fauna consumida (idades de abate, porções do esqueleto representadas) que permitissem evidenciar diferenças, ao nível do estatuto social, dos habitantes da zona palatina, face aos restantes.

10.5 Castelo Velho de Alcoutim e Castelo das Relíquias (Alcoutim)

Estudo preliminar dos grandes mamíferos recuperados nestes dois sítios de carácter habitacional, realizado pelo signatário, foram incorporados na dissertação de doutoramento de H. Catarino e por si publicados, em 1997/1998.

11. Época Portuguesa | Medieval e Moderna

São escassos os estudos arqueozoológicos relativos a ocupações portuguesas do período tardo-medieval e moderno. Salientam-se os seguintes, todos decorrentes de escavações realizadas sob direcção de M. V. Gomes e/ou R. V. Gomes:

11.1 Silves: casa quatrocentista

Da escavação em epígrafe, resultou a recolha de fauna mamalógica e malacológica, estudada pelo signatário, que proporcionou integração num todo alargado aos restos arqueológicos exumados, permitindo deste modo, pela primeira vez, caracterizar com base no registo material, a dieta de uma comunidade quatrocentista portuguesa, de uma cidade do sul do País, num trabalho conjunto do signatário, de M. V. Gomes e de R. V. Gomes, publicado em 1996.

11.2 Poço-cisterna de Silves (Silves)

A escavação do enchimento desta estrutura, verificada nos séculos XV e XVI, possibilitou a recolha de abundante fauna de grandes mamíferos, répteis, moluscos e crustáceos, objecto de estudo do signatário e de M. V. Gomes, com a colaboração de E. Crespo, e T. Dray. Entre outros resultados dignos de menção, é de registar a presença do corço, *Capreolus capreolus*, na região, no fim da Idade Média, início da Idade Moderna, a qual era até ao presente desconhecida. Provavelmente, tratavam-se de exemplares capturados em caçadas na região de Monchique, onde deveriam ter sobrevivido, mercê de condições propícias, de temperatura e humidade, os derradeiros representantes da espécie em território algarvio. Outra constatação interessante respeita à presença de cágado, utilizado para fins culinários como os prescritos no livro de cozinha da Infanta D. Maria.

11.3 Casa de João Esmeraldo (Funchal)

Trata-se, como as anteriores, de escavação em meio urbano, que proporcionou a recolha de materiais arqueozoológicos dos séculos XVI/XVII. Os mamíferos (incluindo pequenos mamíferos) foram estudados por M. Telles

Antunes, enquanto dos moluscos se ocupou C. Tavares da Silva; ambos os contributos se publicaram na pequena monografia dedicada às escavações, editada em 1989.

12 Conclusões Gerais

Da enumeração de estudos arqueozoológicos até ao presente realizados em Portugal – forçosamente não exhaustiva – decorrem algumas conclusões gerais, com as quais se concluirá esta síntese temática:

1. Produção escassa de índole metodológica, apenas com expressão explícita em dois contributos de M. J. Valente, o primeiro (1994) sobre questões de carácter tafonómico (as quais, ainda que não do foro restrito da Arqueozoologia, com ela se relaciona directamente), o segundo (Valente, 1997), resultado de trabalho de avaliação para a disciplina de que o signatário é responsável no Mestrado de Arqueologia e Pré-História na Faculdade de Letras de Lisboa, se debruçou sobre a problemática questão da quantificação dos restos faunísticos. Não devem, porém, omitir-se os capítulos dedicados à explicitação dos critérios adoptados nos trabalhos desenvolvidos pelos diversos autores, de ordem metodológica;

2. Limitada produção de trabalhos de síntese, de índole arqueozoológica ou com ela directamente relacionados, avultando os do autor sobre os grandes mamíferos (Cardoso, 1993 a, 1993 b, 1996 a, 1996 b, 1997 a), incluindo sínteses temáticas de carácter cronológico-cultural (Cardoso, 1996 c; Cardoso, 1997 b) e os de C. Tavares da Silva sobre malacofaunas (Silva e Cabrita, 1966; Silva, 1996), nas quais se pode recolher informação específica a tal respeito, completando os elementos ora apresentados.

3. Evidente aplicação de trabalhos de carácter estritamente paleontológico sobre faunas quaternárias a questões de âmbito arqueológico, numa perspectiva alargada: é o caso, entre outros dos recentes estudos de P. Callapez sobre moluscos terrestres (Lapa dos Furos) ou marinhos (gruta da Figueira Brava) ou os do signatário, sobre espécies actualmente extintas, como o zebro (*Equus hydruntinus*) reconhecido e publicado (1995) em estações mustierenses (Pedreira das Salemas), a hiena

intermédia (*Crocota crocota intermedia*), na Lorga de Dine (1994), ou o próprio cavalo selvagem, objecto de estudo de distribuição recente a nível peninsular, coordenado por A. Morales (1996). Tais factos só reforçam a conclusão, de há muito sabida mas de difícil concretização prática, da vantagem de aumentar a colaboração entre especialistas de diversa formação científica, sem ideias preconcebidas e muito menos "complexos de superioridade" mal disfarçados, de parte a parte;

4. a análise dos trabalhos publicados evidencia notável avanço dos estudos arqueozoológicos em Portugal na década de 1990, depois de um renascimento na década anterior, sucedendo-se a mais de um século de estagnação, e aos trabalhos dos pioneiros da Comissão Geologica de Portugal. Porém, este renascimento foi consubstanciado, essencialmente, no trabalho e esforço de carácter individual, situação que encerra, em si mesma, a sua maior fraqueza. Não se produziu até ao presente, com efeito, nenhum trabalho que tivesse resultado de um serviço ou unidade orgânica institucionalmente criada para o efeito, a nível universitário ou não. Deste modo, a própria eficácia da resposta esgota-se no interesse ou possibilidades de agenda dos escassos investigadores até ao presente aptos para o efeito. Daí que se saude como positiva a recente iniciativa do Instituto Português de Arqueologia de se dotar de um Laboratório onde uma das valências principais é a da Arqueozoologia; assim a valia, empenho e produtividade dos seus técnicos, expressa através de trabalhos publicados, a curto prazo, possa justificar o investimento realizado neste domínio pelo Governo. Que os trabalhos desenvolvidos na década de 1990, pelos poucos que, até agora, se encarregaram em Portugal deste tipo de estudos, resultaram como os mais eficazes contributos para a própria justificação e importância da Arqueozoologia, como disciplina autónoma, embora indissociável da Arqueologia, é facto evidenciado, não apenas através da sua institucionalização ao nível do Instituto que oficialmente tutela a Arqueologia, mas também pela sua inclusão no elenco curricular, como disciplina autónoma, do mestrado de Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras de

Lisboa, ou como bloco formativo do mestrado homólogo leccionado na sua congénere do Porto;

5. Como seria de esperar, é a Pré-História que revela até ao presente a maior parte da incidência de estudos arqueozoológicos. Tal facto deve-se a razões históricas, relacionadas com a própria génese e afirmação desta área científica, entrosada, mais do que qualquer outra, na análise e caracterização do meio natural, onde a componente faunística tradicionalmente se incluía. Outras áreas de recente afirmação e onde se verifica uma notável expansão, como a da Arqueologia Medieval e Moderna, poderão, a breve trecho, ser as que mais espectaculares avanços no domínio arqueozoológico poderão conhecer, com contributos transdisciplinares, como os decorrentes do aproveitamento das fontes escritas (cartas de foral e documentos das chancelarias régias, entre outros);

6. As áreas mais antigas e por isso aquelas onde os contributos arqueozoológicos são mais numerosos e significativos são as relativas às malacofaunas marinhas e às faunas de grandes mamíferos. Nota-se, com efeito, significativo *déficit* em outros domínios, tais como: a) no estudo das faunas de pequenos mamíferos comensais do Homem, as quais, ainda que raramente tenham sido objecto de consumo por parte deste, fornecem indicações paleoecológicas precisas; b) no estudo da ictiofauna, tanto de águas interiores como marinhas; por vezes, os especialistas que asseguraram tais estudos, obtiveram formação para resposta a outras situações, que nada têm a ver com a Arqueozoologia, o mesmo se podendo dizer de outros grupos faunísticos; c) no estudo dos restos ósseos das aves, domínio para o qual não existe em Portugal nenhum especialista, justificando-se claramente a formação de arqueozoólogo neste domínio específico; d) em trabalhos que requerem alta especialização e pleno domínio das técnicas de diagnose, mesmo em grupos já razoavelmente conhecidos, os quais, porém, raramente são abordados em profundidade, como a destrição entre ovelha e cabra ou entre porco doméstico e javali.

A terminar: a Arqueozoologia atingiu, nos finais do século XX, mesmo em Portugal e apesar da penúria dos meios disponíveis, a começar pelos humanos,

uma projecção que conquistou definitivamente muitos arqueólogos que, até então, pouca ou nenhuma atenção davam aos restos de animais recolhidos nas suas escavações. Tal foi o resultado da publicação, com carácter cada vez mais regular, de estudos que marcaram definitivamente o lugar da Arqueozoologia como disciplina incontornável na caracterização de aspectos da vida das comunidades pretéritas. Importa, agora, consolidar esta realidade, o que passará, sobretudo, pela plena institucionalização da prática arqueozoológica como uma daquelas em que se afirma o arqueólogo: todo o arqueozoólogo deverá ser também arqueólogo, um arqueólogo especializado, é certo, lidando preferencialmente com materiais onde o Homem pouco ou nada interveio, mas que constituem, tanto ou mais do que os tradicionais artefactos arqueológicos, poderosas fontes de informação sobre a vida das comunidades pretéritas. Só criando as condições para a especialização dos jovens licenciados em Arqueologia em diversas áreas científicas do foro arqueológico, onde naturalmente se inclui a Arqueozoologia, na qual é notória a mingua de investigadores (a ponto de se ter de recorrer ao mercado externo), será possível, futuramente, dar continuidade ao muito que já foi feito, de forma sustentada, a única, aliás, susceptível de produzir bons resultados a longo prazo. Exemplo concreto do que se acaba de referir é a recente dissertação de mestrado de M. J. Valente, concluída com êxito na Faculdade de Letras de Lisboa (defendida em 2000), prenunciando outras, de perfil idêntico, que se deseja surjam sem demora.

Bibliografia

NOTA Apenas se refere a bibliografia considerada mais expressiva, no âmbito deste síntese; as numerosas referências a temáticas, nomes e datas, dispersas ao longo do texto, ainda que não constituam verdadeiras referências bibliográficas, fornecem pistas para a referência respectiva nos bancos de dados bibliográficos disponíveis.

- ANTUNES, M. Telles (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV – Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8: 103-144.
- CARDOSO, J. L. (1993 a) – *Contribuição para o conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal* (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1992). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 567 p.
- CARDOSO, J. L. (1993 b) – O estudo dos Grandes Mamíferos pliocénicos de Portugal. Síntese histórica. In G. S. de Carvalho, A. B. Ferreira & J. C. de Senna-Martinez: *O Quaternário em Portugal: balanço e perspectivas*. Lisboa: Colibri: 97-103.
- CARDOSO, J. L. (1994) – A fauna de mamíferos da época muçulmana das Mesas do Castelinho (Almodôvar). Materiais das campanhas de 1989-1992. *Arqueologia Medieval*. Porto: Afrontamento. 3: 201-220.
- CARDOSO, J. L. (1996 a) – Les Grands Mammifères du Pléistocène Supérieur du Portugal. Essai de synthèse. *Geobios*. Lyon. 29 (2): 235-250.
- CARDOSO, J. L. (1996 b) – Objectivos e princípios metodológicos da Arqueozoologia: estado da questão em Portugal. *Al-Madan*. Almada. Série II, 5: 78-88.
- CARDOSO, J. L. (1996 c) – Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português: o testemunho dos mamíferos. In J. de Alarcão (coord.): *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a. C.* Lisboa. Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia: 160-170.
- CARDOSO, J. L. (1997 a) – As grutas, os grandes mamíferos e o homem paleolítico: uma aproximação integrada ao território português. *Estudos do Quaternário*. Lisboa: Colibri. 1: 13-23.
- CARDOSO, J. L. (1997 b) – Caça e criação de gado: seu papel na alimentação. In A. Alarcão (coord.): *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*. Lisboa. Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia: 152-155.

- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o "Homem Terciário": resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 9 (no prelo).
- CARDOSO, J. L. (2000) – Les Mammifères d'Abul. In F. Mayet & C. Tavares da Silva, *L'Établissement phénicien d'Abul (Portugal)*. Paris: Diffusion de Boccard (no prelo).
- FABIÃO, C. (1999) – Um século de Arqueologia em Portugal – I. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8: 104-126.
- LEROI-GOURHAN, A. (1988) – *Dictionnaire de la Préhistoire*. Paris. Presses Universitaires de France, 1222 p.
- SANTOS, M. Farinha dos (1980) – Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 26 (2): 253-297.
- SILVA, C. Tavares da (1996) – Malacofauna e Arqueologia. *Al-Madan*. Almada. Série II, 5: 89-95.
- SILVA, C. Tavares da & CABRITA, M. G. (1966) – A utilização dos moluscos durante o Eneolítico português. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 76 (3/4): 307-338.
- VALENTE, M. J. (1997) – A quantificação faunística: principais unidades, alguns parâmetros, regras e problemas. *Estudos do Quaternário*. Lisboa. 1: 83-96.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da Arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série X, 3: 111-125.

Notas

¹ Artigo entregue para publicação em 16/1/2001.

² Em 1986, M. T. Antunes publicou um astrágalo de tigre-de-dentes-de-Sabre, único testemunho da espécie em território português.

